

COMBRA

Os Zulejos

*Semanario illustrado
de Sciencias Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A LIBERAL
R. de S. Paulo, 216

Tiragem 4:000 exemplares

OS NOSSOS

SEGUNDA-FEIRA, 25

MAIO
1908

3.ª

SERIE

NUMERO

AVULSO



Duqueza de Palmella

20 RS.

Todos os numeros publicam um trecho de musica

GRANDE DEPOSITO
 ↳ DE ↳
MOVEIS DE FERRO
 ↳ DE ↳
COLCHOARIA
 ↳ DE ↳
JOSÉ A. DE C. GODINHO
 54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA
 Clínica Geral—Partos
 R. de S. Roque, 67, 1.º—Das 3 ás 5 da tarde
 TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA
 MEDICO-CIRURGIÃO
 Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
 Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA ****
 ♦ ♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦ ♦
 Rua S. Vicente á Guia, 22, 1.º

LUZ KITSON
 Petroleo por incandescencia
 A mais brilhante, a mais economica
 Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, successor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

Januario & Mourão
 OURIVESARIA E JOALHARIA
 Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 1\$000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.
PREÇO FIXO
 Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

MOTORES DE AR QUENTE
 Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento, **L. M. Lilly** Succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º.—D. Lisboa.


 EXPOSIÇÃO DE
LOUÇA DAS CALDAS
 Arte decorativa
 Artigos para brindes
GATOPRETO
 R. de S. Nicolau
 (Esquina da R. do Crucifixo)

R. Xavier da Silva
 Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
 Das 3 ás 5—Rua da Palma, 133, 1.º

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 reis
 8 Logares
 Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES
 QUASI DE GRAÇA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
 33, RUA DA PALMA, 35
Pedro Carlos Dias de Sousa

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª


Fornecedores da Casa Real
 82 — RUA DA VICTORIA — 88
 Exposição permanente
 166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas
 para agua gaz e electricidade
 Grande sortido de lustres
 em todos os generos


SENHA DE Consulta

As cartas dos consolentes devem vir acompanhadas da respectiva **SENHA DE CONSULTA**, e satisfazer aos seguintes requisitos:

- «Nome de batismo; iniciaes dos sôbrenômes e apelidos.»
- «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»
- «Côr da pêle, dos olhos, dos cabellos.»
- «Altura aproximada, estado de magrêza ou de gordura, comprimento exacto dos dêdos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da pêle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feito do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»
- «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da pêle.»
- «Falando ainda dos cabellos será bom dizêr se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»
- «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel,?»
- «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»
- «Tem tendencia para a violencias para o despotismo?»
- «E' cabeludo ou glabro?»
- «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloicando o côrpo?»
- «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»
- «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrêga-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»
- «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»
- «Ha frisante contraste entre a côr dos cabellos da cabeça, da barba e das sobrancêlhas?»
- «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»
- «Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consolentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discrição.»

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS A ESTA REDACÇÃO



O Grande Concurso do "AZULEJOS"

VALIOSOS PREMIOS

O AZULEJOS vae abrir entre os seus numerosos leitores um grande concurso, com muitos e valiosos premios, dos quaes, dentro em breve, começaremos a publicar a lista, sendo muitos d'elles finissimos trabalhos das nossas gentis leitoras e collaboradores.

O sorteio dos premios que serão expostos na montra do GATO PRETO, R. de S. Nicolau, terá logar no dia 30 d'agosto.

Condições do Concurso

- 1.^a — Collecção de 20 mascaras illustres das publicadas em qualquer das tres series do AZULEJOS.
- 2.^a — Envia-las a esta redacção até ao dia 20 d'Agosto.
- 3.^a — Por cada serie de 20 mascaras illustres receberá o portador uma senha numerada para o sorteio final, que será publico.
- 4.^a — Os leitores da provincia podem remetter as collecções, datadas, e com indicação de nome e morada, recebendo na volta do correio por cada collecção a respectiva senha do sorteio final.
- 5.^a — Para o mesmo leitor o numero de collecções é illimitado.

Até 20 d'agosto pode qualquer leitor e em qualquer occasião fazer as suas collecções.

Grande concurso do "AZULEJOS"

VALIOSOS PREMIOS

BASTA COLLECIONAR 20 MASCARAS ILLUSTRAS

DE QUALQUER DAS TRES SERIES

*O maior numero de collecções e a collecção mais artistica
teem premios especiaes*

COMPRA



2000

Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, EMECÉ e LAMPARINA
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Officina d'impressão e composição
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
 25 DE MAIO DE 1908

condições de assignatura
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs
 Colonias 400 »
 A cobrança pelo correio é augmentada de 60 réis.

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Tiragem 6.000 exemplares.



CHÁ E TORRADAS



Quando ha meses, n'um regimen dictatorial, de norte a sul, de oeste a leste estavam untados com fel os prelos da politica nacional, barafustavam monarchicos, se esganicavam as larynges republicanas e de todas as bandas choviam *Accacios* arremangados e provocadores, mais uma vez o Zé Povinho ia no embrulho e deitava os bofes pela bocca n'este coro ultra-patriotico de justiça e lei constitucional.

Conhecendo de ginjeira os politicos do meu paiz não me encorajei a bater palmas, mas, em frente d'esta attitude bellica, tive a presumpção de suppor que realmente a abertura das portas do palatorio de S. Bento ia trazer-nos horisontes novos, apresentando e legislando alguma coisa util e necessaria de que tanto havemos urgencia.

Enganei-me redondamente.

Ha quasi um mez os campeões da politica se instalaram de casa e pucarinho no edificio das côrtes, sem que até hoje nos conseguissem provar que no seu cortejo anterior, ap-

paratoso e berrante, logo atraz das charamelas vinha a banalidade á mistura com o verbo d'encher, o inutil e a verrina sem pés nem cabeça.

O sr. Fulano Azul e Branco pede a palavra para reclamar uma pensão de um conto e duzentos mil reis a

vigentes vão ás camaras só para nos fazer gastar mais uns centos de mil reis ou mostrar que conhecem a phrase *se não foste tu foi teu pae*, escripta em qualquer livrêco de fabelas, podem regressar ao seio da familia, que é favor e dos grandes.

O povo não vive das cantigas do arroz pardo, necessita de leis tendentes a minorar lhe a situação atróz a que o arrastaram, leis destinadas ao seu relativo bem estar, proveniente do allivio da pesada albarda com que V.ª Ex.ª o têm ajojado.

Proponham alguma coisa para diminuir o imposto do consumo.

E os trinta por cento sobre a divida interna, que vinham com a capa de salvação publica, e pelo praso d'um anno?

Baixem a taxa das senhas propinas nas diversas escolas, que são pesadissimas.

Ai! Ha tanta coisa a melhorar!

Ha tantas resoluções urgentes a tomar, no momento em que uma patria agonisa!

Não percam dias e dias no emprego de tropos balofos e flores de rhetorica sedições, vão direitinhos ao fim que tiveram em vista aquelles que os levaram a sentar-se n'essas cadeiras.

Vamos, seus janotas da maioria, minoria e opposição, façam alguma coisa digna de ver-se, deixem-se de palavras ôcas e de termos bombasticos, que para cá não pegam.

Então berravam como feras pelo seu rico parlamento e agora não dizem coisa alguma que tenha geito!

Quem poderia advinhar que este Mons Parturiens não chegaria a parir um rato!

Ora bolas, illustres senhores deputados da nação portugueza!

JOÃO REVOLTA.

Mascaras illustres



Alexandre Herculano

favor de qualquer, como se nadasemos em dinheiro ou se o melindroso estado actual não fosse arranjado pelo rotativismo; o sr. Beltrano Encarnado perde um tempo preciosissimo a gritar que o João Franco foi um maroto assado, cosido e frito e... quartel general em Abrantes.

Tudo fogo de vistas, louvado seja o Senhor!

Se os nunca assás decantados paladinos do povo e das instituições



NOTAS SCIENTIFICAS

Chronica

A Personalidade das Plantas

Damos hoje aos nossos leitores um resumo do celebre livro do sabio russo J. Owsinsky, vertido para francês por R. de Saint-Maur.

São curiosissimas e originaes as opiniões que o autôr nos apresenta no seu trabalho. Acredita piamente na alma das plantas, *anima vegetalis*. Para êle os vegetaes tem necessidades, appetites e consciencia. Não ha differença alguma essencial entre animaes e plantas; é completa a semelhança entre os protoplasmas destas duas especies de seres.

Para demonstrar estas proposições, Owsinsky invoca numerosos exemplos botanicos. Estuda os deslocamentos de certos cogumêlos inferiores e, em seguida, falando de vegetaes d'ordem mais elevada, mostra a acção do choque, do calor e da luz sôb'e as plantas.

Estes factos são, na sua totalidade, familiares a quem tenha noções elementares de botanica e o mesmo podêmos dizêr das curiosas particularidades da sensitiva e das plantas carnívoras. Para o autôr, este conjunto de fenómenos prova que a consciencia e a vontade existem no reino vegetal e que a *anima vegetalis* é uma realidade.

Destas premissas curiosas, tira Owsinsky conclusões praticas não mênos curiosas.

Aplica as suas theorias á cultura. Para tirar o maior proveito possivel das plantas que se cultivam, é necessario cuidar délas como se fôsem animaes domesticos, estudando-lhes, a preceito, os góstos, as afinidades, as tendencias e os prazêres. Não basta fornecêr-se-lhes boa terra, bom estrume, agua, temperatura apropriada, etc., é necessario ainda têr em consideração a *personalidade activa da planta*.

O que mais nos importa, geralmente, rum vegetal cultivado, é o fruto ou a semente. Ora acontece, e muitas vezes, que a formação da flor ou do fruto é causa de morte para a planta, resultando d'ahi que esta se não resolve de bom grado a operar a fructificação, o que vem frustrar as nossas esperanças de cultivadores. Uma planta que se encontra em boas condições, prefere utilizar o alimento que absorve, na producção d'orgãos nutritivos do que na producção de sementes. No caso contrario, isto é, se se encontra em más condições de vida, se sofre, se

vê ameaçado o seu desenvolvimento, produz grande numero de sementes, e para quê? Para têr probabilidades de encontrar melhor terrêno para vivêr. As dificuldades da vida são pois as causas de producção das flores e dos frutos. A conclusão a tirar de tudo isto é que: para aumentar a producção agricola é necessario fazêr que as plantas sofram. Depois de citar exemplos comprovativos da sua maneira de vêr, Owsinsky expõe-nos a sua pratica pessoal. A base desta pratica consiste em colocar as plantas tão juntas e apertadas entre si, que se vejam forçadas a lutar tenazmente pêla vida; e parece que são notaveis os resultados deste processo. O autôr obtêve, primeiro na Besserblia e mais tarde na provincia de Podolsk, cereaes excepcionalmente desenvolvidos e dando avultado rendimento. O livro termina por um resumo das vantagens do seu sistema.

Contra factos não ha argumentos, portanto não contestarêmos os resultados obtidos por Owsinsky, mas, quanto á teoria, devêmos sujeital-a a caução. Com effeito, todas as considerações botanicas feitas pelo observador, são susceptiveis de serem explicadas por theorias diferentes da sua. Nada prova a verdade absoluta da sua interpretação e portanto a existencia da *anima vegetalis* deve, por enquanto continuar dormindo um sono profundo na melhor cama do palacio das hipóteses. Isto não quer dizer que os trabalhos de Owsinsky deixem de ser interessantes. pelo contrario, são originaes e curiosos, obrigam o homem de sciencia a meditar profundamente e rasgam a os nossos olhos perspectivas dignas da atenção da biologia geral.

A. B.

ESPIRITISMO

Comunicação de Eça de Queiroz

(Do volume II *Do Pai da Luz*, no prelo)

Conclusão

Ri porque é commodo; nega porque é facil e não exige trabalho. Chasqueia porque é incompetente para fazer cousa mais util. Não estuda porque é maçada, não pondera porque tem medo que o pouco miolo que lhe chocalha no craneo, lhe dê volta. Ri, porque tem receio; duvida porque se apavora ante a necessidade do mais pequeno esforço para estudar.

Acceita o que existe porque está feito; e reage e defende-se contra innovações, que lhe iriam desarrumar os conhecimentos adquiridos pelo habito, pelo esforço obrigado, como os de um macaco de pelotiqueiro de feira; ou apanhados no ambiente social, cahidos

no seu organismo parado, como camadas de pó, cahidas pela força da inercia e pelas leis da attracção, sobre moveis velhos e quietos.

O homem, no seu symbolismo colectivo, foi sempre assim: — ignaro, madraço, selvagem e cretino.

E' necessario muito pontapé do destino para o fazer mover no seu passo cadenciado de pachyderme collossal; muitos jorros de luz, intensa e penetrante, para que possa ver; muitas chicotadas da dôr, para saber sentir e apreciar.

As gerações succedem-se amarradas aos mesmos preconceitos, estioladas na mesma ignorancia, impotentes na mesma fraqueza.

Franzem as commissuras no mesmo riso imbecil; endeusam-se na mesma sabedoria pretensiosa; e transmittem, entre si, a mesma espectativa armada e damninha contra tudo que é novo.

São precisos annos e seculos de esforço e lucta, para se fazer brecha na cidadella da ignorancia e da insciencia mandriona e accommodativa, erguida e cimentada pelo atavismo ancestral de bruto e de selvagem, e defendida encarnicadamente pela rotina, pela superstição, pelo conservantismo. A palavra de ordem é: — «quando nasci já encontrei isto, quando morrer hei de deixal-o na mesma.» Ha tambem o riso fino, demolidor, ironico, trocista; mas esse é arma dos novos, dos luctadores; e esse não nos fará mal.

Para se saber fazer do riso arma de fina tempera, como lamina toledana, é necessario ter se espirito observador, fino como diamante de arestas faiscantes, temperado no estudo das cousas; e cerebro equilibrado, de circumvoluções accentuadas, muito habituado á gymnastica espiritual e subtil das grandes locubrações e das analyses profundas e dissecantes.

Quem se souber rir assim, não se rirá do que deixamos dito.

Esse riso embotar-se-ha como o acerado fio de uma navalha em um pedaço de granito. Quem tiver direito a sorrir ironicamente, n'uma manifestação accentuada e feliz de superioridade, ha de ver que não pode ser objecto de mofa quem escreve o que temos escripto.

Pode discordar, por effeito de educação, por divergencia de vistas, por habitos de escola, por circumstancias de psychologia, por desvio de causas de ordem material, emfim por uma infinidade de cousas possiveis e talvez explicaveis; agora o que não fará é confundir-se na manifestação inconsciente do riso escancarado, que deixa ver os dentes podres e a glote ruborisada.

Duvidará, discutirá, divergirá, mas manterá a linha de respeito devida a quem se apresenta, peito livre, inteiramente, francamente, a defender ideaes novos, altruistas, puros como os não ha mais puros, progressivos, alevantados e generosos como nenhuns outros.

FIM



Alleluia

A... alguém...

... Vi-te, sonhado encanto!
Qual fugidia luz que o vento apaga logo,
Luminou-me a alma inda banhada em pranto
O teu olhar de fogo!...
Sonhado encanto, eu vi te,
E quem te pode vêr sem que por ti palpite?

Idolatrada pomba:
Julguei-me transportado á esperançosa aurora
Dos sonhos juvenis! meu coração não zomba,
Antes lembrando chora
Essa illusão peidada
Que já não volta mais porque morreu, querida!...

O sol, derrete o géllo,
E faz até do chão brotar a linda flôr;
Mas o amor não pode—ousou afirmar e crê-lo—
Não pode o proprio amor,
Porque seria cumulo,
Um morto disputar á podridão do tumulto!...

Vae, segue o teu destino
Bem diverso do meu, que é triste e sem poesia;
O teu falla d'amôr, e vibra como um hymno,
O meu é elegia!
Vae, vae sonhado encanto,
Não queiras naufragar n'este meu mar de pranto!...

Evora

J. C.

O enfermeiro de Tata

POR

Edmundo de Amicis

Na manhã de um chuvoso dia de março um rapaz vestido de camponez, todo encharcado e enlameado, com uma trouxa de roupa debaixo do braço, chegava ao hospital de Napoles e perguntava ao porteiro por seu pae, apresentando-lhe ao mesmo tempo uma carta.

Tinha um bello rosto oval, de um trigueiro pallido, os olhos pensativos e dois grossos labios semiabertos, deixando ver uns dentes alvissimos.

Chegava de uma aldeã dos arredores de Napoles.

O pae partira de casa no anno anterior para ir procurar trabalho em França, e regressára á Italia desembarcando em Napoles poucos dias antes, mas, adoecendo repentinamente, apenas tinha tido tempo para escrever duas linhas á familia annunciando-lhe a sua chegada e dizendo-lhe que entrava no hospital.

A mulher, afflicta com a noticia, não podendo sair de casa porque tinha uma filhinha enferma e outra de peito, mandára a Napoles o filho mais

BORDADOS E RENDAS



velho com algum dinheiro no bolso para ir fazer companhia ao pae, ao seu Tata, como lá se diz.

O rapaz andára dez milhas para chegar ali.

O porteiro leu de relance a carta e chamando um enfermeiro disse-lhe que conduzisse o rapaz ao pae.

— Que pae? — perguntou o enfermeiro.

O rapaz tremendo com receio de uma triste noticia disse o nome do pae. O enfermeiro não se recordava do nome.

— Será um velho operario que veiu de fóra? — perguntou.

— Operario é — respondeu o rapaz cada vez mais ancioso — mas não muito velho. De fóra veiu, isso sim.

— E quando entrou no hospital? — perguntou o enfermeiro.

O rapaz correu os olhos pela carta, e disse:

— Ha cinco dias, acho eu.

O enfermeiro pensou um pouco, e depois, como que recordando-se de repente, disse:

— Ah! sim... no quarto salão... na ultima cama.

— Estará muito doente? Como está elle? perguntou anciosamente o rapaz.

O enfermeiro olhou para elle sem responder. Passados momentos disse:

— Vem comigo.

Subiram dois lanços de escadas, e seguindo até o fim de um largo corredor, acharam-se em frente da porta aberta de um salão, onde se viam em todo o comprimento, duas filas de leitos.

(Continúa).

COMEDIANTES

V

Eduardo Brazão

Foi o primeiro artista portuguez que representou — decentemente — a tragedia shakespeareana.

A elle devemos a dicção macia e a figura aristocratisada do mouro e ciumento O'hello; o perfil obliquo e os olhos azues do sonhador Hamlet.

A attitudinal aspérrima que celebrizou o teatro do poeta inglés, encontrou em Brazão a resistencia denunciadora de comprehensão

atenuada. Shakespeare fonografado pelo comediante loiro, dá-nos a nota impressiva de que a sua arte era lisa como o marmore bem trabalhado, e doce como o olhar dum miopo.

A exteriorisação da trogeia shakespeareana, demanda de vastos e complexos conhecimentos psicologicos. E para se manejar a psicologia preciso se torna ter base scientifica a desbastar erros provaveis. Todo o artista que queira interpretar o tragico londrino, antes de ser comediante, ha-de ser psicologo. E mais facil ensimesmar Sophocles ou Euripides, porque os poetas gregos localisaram as aspirações de toda a Grecia, do que Shakespeare que notulou a vincos de genio as qualidades e os vicios da humanidade inteira.

Brazão, é digno de respeito pelos esforços consumidos, mas, não humanizou Shakespeare; teatralisou-o.

Na alta comedia, é que Brazão se sente bem, levando a plateia a sentir-se melhor. O Bibliotecario de mãs dadas com o Duque de Aleria do Marquez de Villemar attestam o seu brilhantismo de comediante illustre.

A leveza de phrase saltando se de seus labios em plena comedia, contrasta com o grito cavernoso de pretensão traizico. A primeira ficará como recordação saudosa; a segunda como desejo não assimilado.

MARIO LAGE.

No proximo numero publicaremos o elogio — critico da actriz Lucilia S mões.

Guitarra de Romanol

26

Um homem d'olhar sinistro
E bigodes eriçados
Ou é da guerra um ministro
Ou instructor de soldados.

27

Uma mulher bem composta
Sempre em constante saída:
E' noiva que jaz exposta
Na grande montra da vida.

28

Um typo todo janota
Tendo a casaca por farda,
Não sei porquê, dá-me a nota,
D'um burro sempre d'albarda.

29

Menina toda lettrada
Que com desdem nos arraza:
E' sempre tola chapada
Mas nunca dona de casa.

30

Dama que nos mostre o queixo
A toda a hora á janella
Ou é a mãe do desleixo
Ou o desleixo pae d'ella.

DEFINIÇÕES

Empenho: — Coisa indispensavel para fazer bons exames e obter bons empregos.

Commentario: — Acepipe que acompanha sempre uma apreciação.

Sympathia: — Estribo do coração.

MENTIRA

«A mulher é mais amarga do que a morte»

ECCLSIÁSTES.

—Clara... Clara... já veio?

Uma voz soluçante responde á que perguntou:

—Ainda não; socega.

E uma cabeça pallida, de cabellos negros, tombados no oval da cara, nos olhos os vidrilhos das lagrimas, muitas já bebidas, pende sobre o leito e aconchega com duas mãos cuidadas a roupa ao rosto do doente. Um olhar esgaseado e interrogador fita-a, saindo da cera amarella do cadaverico que avoluma os lençoes, agitados pelas ondulações d'uma respiração de despedida.

Manhã. A janella cerrada do quarto deixa entrar uma greta de sol, que bate no polimento dos pés do leito. O relógio, pendurado na parede, bate com vagar onze horas. A velladora do doente enche uma colher de remédio e aproxima-lhe dos labios.

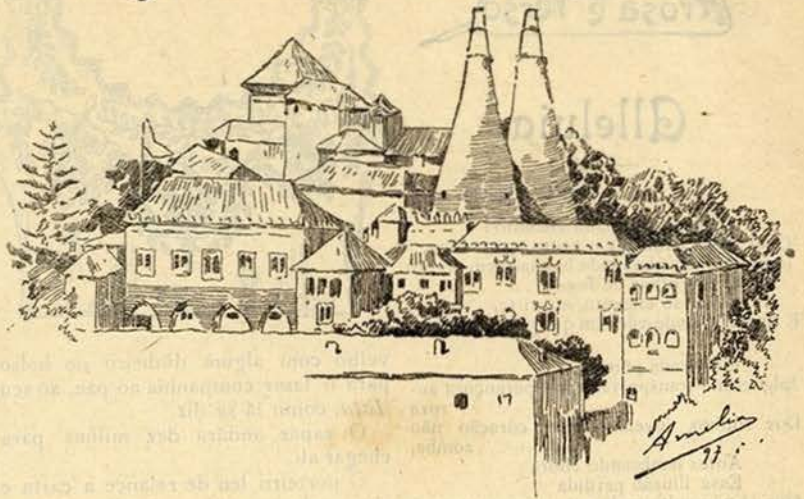
—Vamos, diz.

Ergue-se o tysico, servindo-se dos braços descarnados, como de muletas, para arrimar o tronco, engole o liquido e tomba de novo na prostração a que o arrancáram.

«Não havia alli nada a fazer» declarou na vespera o medico á mulher que lhe assistia, a unica pessoa de familia que tinha, e se dilacerava no cumprimento do dever terrivel d'acompanhar até ao fim o infiel companheiro de dez annos.

Carlos Vieira morria d'uma tuberculose pulmonar como o pae e dois irmãos. Possuidor d'uma mediania satisfatoria, a terrivel doenca manifestára-se-lhe tardiamente, pois lhe permitiu quinze annos d'agitada existencia, entre as banaes devassidões da vida contemporanea e as vulgares porcarias em que se atoleiram os muito animalizados. Carlos, casando aos vinte cinco annos com uma rapariga pobre, encontrada a passeiar com a mãe nas ruas de Lisboa, quisera experimentar a desilludidora variante que o casamento offerece aos derrancados, e decorrido um anno, voltou á vida anterior com mais vertigem e mais desafogo. Gosar as voluptuosidades, tão tentadoras para a imaginação, que a carne inocula, como um virus, no sangue agudo dos morbidos, foi o intuito de Carlos durante cinco annos de consecutivas porcarias regradas, dissendo os mesmos ditos ás mesmas horas, ceiando ininterrompidamente pelos mesmos *menús*, com mulheres que riam na mesma entonação, se despiam com o mesmo methodo, ministravam as mesmas caricias, tinham os mesmos sorrisos e amavam com as mesmas palavras. Oh, a ancía ambicionadora d'um pouco d'imprevisto que todo o vicioso pautado sente vibrar, o desejo dum pouco de sentimento e d'energia, mesmo na devassidão, no meio d'ins-

Portugal pittoresco



O PAÇO DE CINTRA — Desenho de S. M. a Rainha D. Amelia

tantaneas sujudas por tantos halitos, roçadas por tantos corpos, apalpada por tantas mãos, molhadas por tantos suores, oh, esse desabafo que todo o homem tem, como manifestação d'independencia ante o escravizador habito, quantas vezes não tentou Carlos nas horas rapidas em que o seu espirito lhe pedia para pairar n'outra atmospherá!

Foi uma d'estas sahidas da vida banal que o fisera encontrar essa Clara de quem á hora da morte, se não esquecia. Ella fôra amante d'um ricoço que, partindo para o Brazil — e vista a obstinação receiosa da mulher em não querel-o acompanhar — a deixára senhora de casa luxuosa e de renda sufficiente. Carlos encontrára-a, amára-a, possuirá-a, e, durante cinco annos entregára-se a uma d'estas paixões tardias e carnaes que agitam vulgarmente o sangue em fremitos de vertigens.

Clara, quando o brasileiro regressou, fugiu a Carlos e deu-lhe a entender, n'um encontro procurado com todas as ancias d'uma remidora felicidade pelo estranho adorador, — que o unico homem a quem ella queria era o outro, e que se o tomára por cinco annos fôra para ter a alegria de convencer-se de que não podia passar sem o brasileiro. Este subtil syllogismo deixou Carlos n'um pasmo quasi proximo da insania. Annuviou-se-lhe o expansivo espirito e um anno d'antiga e inquieta vida, levára-o ao estado ultimo, e a sua imaginação só procurava, de todo o seu agitador passado, a figura influenciadora d'essa Clara — que elle exijira que lhe mandassem chamar — e com quem a mulher, rejeitando todas as conveniencias, e obedecendo aos ultimos impulsos d'um espirito — ás derradeiras palpitações d'um coração? — consentia em confrontar-se.

Um frouxo bater de campainha le-

vanta a velladora do letargo e leva-a á umbreira da janella e ahi se assenta n'uma cadeira, como para retrair-se. E' que adivinha a presença da fresca creatura que abre a porta, produzindo um barulho acariciador com as sedas que veste; entra e lança um olhar, que fórça por fingir triste, ao leito d'onde chispam dois olhos que a fitam rebrilhando no seu baço amortecido. O doente forceja por levantar-se, mas ella chega-se á cama e obriga-o a socegar. Todo o seu rosto se contrae na contemplação do fim proximo do homem que tantas vezes a dominára nas luxuriantes caricias.

—Então, então, não falles porque te póde fazer mal, murmura-lhe n'um cicio terno.

— Não, não... isto está a acabar.

E, n'um desespero impetuoso d'impotente, descobre-se e mostra-lhe o descarnado peito onde raspa com as unhas para alliviar a abafada respiração.

—Clara, Clara, vou morrer... Amas-me?

Ella que ficára interdita, contemplando n'um gelido terror a tenacidade do moribundo, luctando com a invasora morte, accende um sorriso triste e, não fazendo caso de quem se levantára, fôra cobrir o doente e, de pé, a fitava n'um rancor de desafio, murmurava:

— Amo-te, Carlos, amo-te!

E a coragem d'essa mentira deu-lhe força para encarar a mulher do moribundo, que lhe pagou a extrema-unção alliviadora que ella levára ao libertino com a audacia monstruosa de taes palavras, lançando-lhe um olhar feroz em que se expressava todo o tédio, todo o despeito, todo e odio — de mulher não amada!

(Do *Envelhecer*)

CALDAS CORDEIRO.

Ingrata e gentil

Em lédas manhãs aromáticas, bellas,
Eu pulso tão triste um arpejo de dôr;
E dizem as meigas, gentis philomelas:
— O' alma que choras,
O' alma que adoras,
Eleva teus cantos ao teu lindo amôr!

E eu choro ao ver donairosas as aves
Soltando tão ternas, ingénuas canções...
Tão lindas, tão meigas... dizerem suaves
— O' alma que choras,
O' alma que adoras,
Eleva á donzella teus ais e paixões!

No meu alaude dedilho bem triste,
A minha amargura os meus tristes ais;
Dizem das campinas as flôr's:— não existe
— O' alma que choras,
O' alma que adoras,
Louco, que no mundo imbecil soffra mais!

E eu canto formosa meus ais doloridos;
Que por ella soffre minha alma d'amor;
E a ingrata sorri dos meus tristes gemidos!
— Minha alma que choras,
Minha alma que adoras,
Não te ama a formosa! de ti não tem dôr!

E na minha lyra dourada, amorosa,
Eu pulso tão triste um harpejo febril!...
E ouço dizer uma fada bondosa:
— O' alma que choras,
O' alma que adoras,
Não cantes á bella, que é ingrata e gentil!

Porto — abril de 1908.

MANOEL PINTO FERREIRA.

Pensamentos

Mais vale lêr duas vezes uma boa obra
do que uma só vez uma má.

Em moral como em arte, o dizer é nada;
o fazer é tudo.

A amizade vale mais que o parentesco.

PELAS ARENAS

CHRONICAS TAURINAS

Não são das melhores, certamente, as impressões com que os congressistas postaes ficaram da corrida que no domingo 17 lhes foi dedicada na Praça do Campo Pequeno, onde elles occupavam por completo os fauteuils de 1.ª e 2.ª fila do lado direito da tribuna.

E não foram boas essas impressões, repetimos, porque o espectáculo não podia ser mais aborrecido do que foi!

A' excepção de dois ou tres touros que cumpriram, os restantes cornu- petos, pertença do lavrador do Cartaxo sr. Manoel Duarte d'Oliveira, se estavam bem apresentados, tinham uma extraordinaria abundancia... de falta de bravura.

Com curro tão ordinario, pouco poderiam fazer os artistas, e pouco fizeram, realmente.

Os quatro cavalleiros, José Bento, Fernando Pereira, Macedo e Morgado de Covas, lidaram a *duo* quatro

touros, salientando-se Macedo, que, como já temos dito, não parece esta epocha o mesmo de outros annos.

Calculando magnificamente a medição de terrenos, propõe e consuma as sortes actualmente com mathematica certeza, evitando sempre o beijo no cavallo, cousa que agora está muito em moda entre os seus collegas.

Os tres restantes tourearam como puderam. Achamos, com franqueza, muito — n'uma tarde — quatro touros a *duo*, trabalho que demanda de bastantes requisitos para ser observado com todas as regras.

O espada, que era Cocherito de Bilbao, esteve na primeira parte trabalhador, artista e valente; na segunda pensava mais nos olhos das nossas patricias do que no dinheiro que vinha ganhar.

Maera bregou bem e bandarillhou regularmente, conhecendo-se-lhe, no entanto, certos defeitos que não tinha antes de marchar para as terras de Santa Cruz.

Não esteve Cadete n'esta tarde tão feliz como costuma, ainda que alguns ferros cravasse no 2.º e 7.º, que por signal eram os melhores da manada.

Torres Branco executou uma bella gaiola no 3.º, que pouco depois foi recolhido por se desembolar. Teve depois mais um bom par no 10.º, em que a desordem foi tal que occasiões houve em que eram tres os bandarillheiros a citar o touro com os ferros: Torres, Luciano e Alfredo Santos.

Estes dois tambem ouviram palmas, especialmente Luciano, que no 10.º cravou um par em quarteio, talvez o melhor da tarde.

Com o capote foi Torres quem melhor bregou toda a tarde.

A nota mais discordante e que mais envergonhou a corrida aos olhos dos estrangeiros, foi dada pelos homens de barrete.

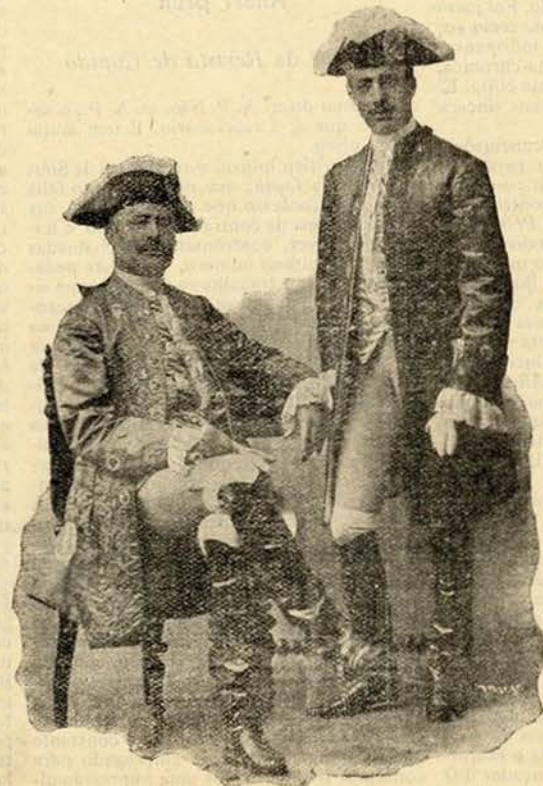
Ainda que de maneira nenhuma o sr. Jayme Henriques devesse mandar pegar o 2.º touro, que se tapava ás bandarilhas, entrava mal no capote e revoltava-se com a muleta, levantando as mãos a grande altura, — o *Yacaré*, que lhe ia para a cabeça, devia ter menos vinho no estomago e não *tocar piano*, o que não se pode admittir a um forçado velho e valente. O resultado foi ser por tres vezes enxovalhado, fazer má figura, e o touro recolher sem ser pegado.

No 8.º tambem o *Mocadas*, sem sciencia nem consciencia o citou muito de largo, não podendo aguentar-se nos derrotes e sendo tres vezes atirado fóra por falta de ajudas. Como se isto fosse pouco, ainda o *Pressura* filho, citou o mesmo touro para a péga de costas, resultando-lhe apanhar um estalo valente, pelo qual anda de braço ao peito.

Uma vergonha.

Quando se lembrarem os senhores governadores civis de que as pégas em Portugal estão prohibidas?

ÊMECÊ.



OS CASIMIROS

Chamamos a attenção dos nossos estimaveis leitores para o grande concurso d'este semanario, no qual serão sorteados valiosos brindes e entre elles um **Coupon de 100\$000 réis**, offerta d'esta administração para quem apresentar o maior numero de colleções.

A colleção mais artistica receberá tambem um valioso premio da redacção, qual brevemente será annunciado.

O sorteio dos brindes far-se-ha a 30 de Agosto, podendo qualquer pessoa mediante a apresentação de 20 *Mascaras illustres*, receber um objecto de subido valor.

ARTE

DE

TEATRO

Ainda a *Mã Sina*. Ignorância filosófica da crítica — Ignorância filosófica do actor Brazão — Interpretações honestas e desonestas — Enunciação cuidada e inteligente. — Scenografia, etc.

Depois de ter exteriorizado, literariamente, as quatro personagens basilares da *Mã Sina*, e de ter publicado as scenas que denunciavam bem a maneira psíquica dessas figuras, talvez o leitor tenha chegado á conclusão de que forte motivo houve para a critica ser tão contradictoria em seus juizos e pouco explicita quanto á análise interpretativa dos artistas incumbidos da representação: a sr.^a Palmira Torres e os srs. Ignacio, Araujo Pereira, Brazão e Joaquim Costa.

A nossa critica teatral é assim: onde não compreende, literatisa. É raro lêrmos um critico que nos dê a impressão do que seja qualquer trabalho scenico. Se a peça é moldada em processos antigos, romanticos feitos e anti-scientificos entrecos, cuja finalidade é archaica, inda a coisa vaie bem. Mas se os processos são novos, os efeitos novissimos e as conclusões vão alem duma mentalidade semi-primitiva, o *fiasco* é certo; tornam-se impotentes para dizer mal, mas em compensação seguem a velha rota já apontada por mim no primeiro artigo dedicado á *Mã Sina*.

Desta vez quem, a meu ver, saiu fóra do caminho trilhado, foi o sr. A. P. critico d'*O Paiz*. Inda bem. Ao menos este escamou-se, indignou-se, barafustou desde a sala do D. Maria, seguiu para o Martinho cada vez mais exaltado, foi para casa, não adormeceu, e no dia seguinte botava chronica discutindo a filosofia e a interpretação da peça. Se todos fizessem o mesmo, a *Mã Sina* ficaria compreendida, por ser certa a discussão. Assim, o sr. A. P. viu-se isolado. Foi justo na sua receptividade? Não foi, creio eu; mas ao menos teve a qualidade indispensavel á sua missão. Quem lê a sua chronica, fica sabendo que a peça é alguma coisa. É errado o seu conceito, mas crêmos sincera a apreciação.

O sr. A. P. chega a rapidas conclusões. Assim é que é. Todavia faz-me pena que fosse tão leviano. Evitaria o dizer: «E senão repare o sr. Mantua, no encontro, dentro da azenha, do *Manuel* e do *Príncipe*, e reveja o raciocinio com que todos, gente rude, fazem a distincção entre o que salva a vida duma mulher e o que lhe salva a honra. Isto quanto á forma, que, quanto á filosofia, deu-me o sr. Mantua, nes a scena a visão dum criterio que não está em harmonia com os seus intuitos revolucionarios revelados—dizem-me—no *Novo Altar*» «Ora eu, como revolucionario, que sou entendo que salvar a vida a alguém é alguma coisa mais que conservar um preconceito, qual o é a honra da mulher como ella é concebida.»

Diz o sr. A. P. ser um revolucionario. Muito bem. Agrade-me sabê-lo. Será revolucionario á maneira dos legitimistas; em arte não o é. Se o fosse teria mais cuidado na sua análise e veria que as figuras da *Mã Sina* pensam como não poderiam deixar de pensar. Veem as coisas mais transcendentes da vida por um prisma muito seu. Esse prisma é facetado por varias determinantes. São mesmo determinadas a só agir assim. Do contrario haveria falha de concepção e notariamos, numa dellas, o sr. Mantua, que, qual sombra hamletica diria coisas de arripiar a medula sensorial da plateia e exaltaria o jacobinismo do critico esmiuçador d'*O Paiz*, que fez o sr. Mantua? Foi a um rincão ribatejano, agarrou numa familia e trou-

xê-a para a scena, com todas as suas paixões e sentimentos. Artistisou tudo e fez a *Mã Sina*, de que já o titulo marca o profundo estudo analitico sobre as superstições do povo. Superstições que enlutarão uma familia e teem vindo, durante seculos, a enodoar a humanidade inteira. A frase em que muitos veem o *leit-motiv* da peça: — «Um homem de bem não mata nunca» é para logo desmentida pelo proprio que a lança de pontifical. O moleiro é quem se atraição, querendo, impellido pela sua visualidade quanto á honra, matar o filho abominado. É a incoherencia dos supersticiosos. E não é preciso cançar os miolos para ver qual o fim da peça, se outros não tivéssem: apresentar um caso de superstição ancestral com todo o seu cortejo provocante de dôres e aniquilamentos. Sophocles e Euripedes, deixaram de pé a fatalidade—uma forma da superstição. O sr. Mantua, provou que a superstição desaparecia quando houvesse motivo forte a combatê-la. Motivo que logo depreendemos da saída do Manuel, no 3.º acto levando Maria, em toda a consciencia do seu amor. Bastaria este facto, que bem se lhe pode chamar: propaganda pelo facto! para agradar ao revolu-

sa Pinto o disse: «Unida á valiosa sinceridade que os reveste.» Vão lá entendê-lo! Em contraposição, é o sr. Luiz Derouet, que bastas vezes é injusto, que nos diz no *Mundo*: «—Cada qual, no entanto, vê as coisas pelo seu prisma, donde não se deverá estranhar que o sr. Bento Mantua, para nos dar um exerpio vivo de odio na familia, julgasse apenas aceitavel o caminho que seguiu.» Ao menos ha generosidade nesta critica. Do contrario, é não admitir que se possa chegar a determinado ponto pelas circumvoluções guiadas por um temperamento alheio. O sr. Sousa Pinto tem o dever moral de não aconselhar *trues*, sabendo bem a desonestidade artistica que elles evidenciam.

Apontei levemente, já por duas vezes, que a interpretação concorreu para que a *Mã Sina* fosse tão mal apreciada. Diversos criticos disseram do actor Brazão: «tem uma das suas mais bellas creações... logo no primeiro acto em monologo dito com a maestria...» (5) «...O monologo no primeiro acto, disse-o com a maestria dum grande artista.» (6) «Brazão á frente.» (7) «...Brazão muito bem.» (8) «...cuidadoso estudo de pormenores.» (9) «...tem vigor, calor e realidade.» (10) «...deu á personagem uma envergadura superior.» (11) «...uma das suas mais brillhantes creações.» (12) «Brazão, violento nas tiradas.» (13)

Começarei por Brazão, para a devida análise do desempenho, tanto mais que foi para elle que convergiu a atenção da plateia, sempre propensa a respeitar nomes feitos. Quanto a mim, foi o sr. Brazão, o principal causador da incompreensão da *Mã Sina*. O sr. Brazão, treinadissimo em papeis de folego, em que a voz supre a parte intelectual, em que o gesto é adrede preparado para captivar o auditorio, em que as atitudes teem a frieza do marmore artistisado, errou por completo toda a sua personagem. O sr. Manuel, é creatura resignada, em que através o fatinho limpo, recordei o Manelich, de ha annos, então impressionador por novidade. E é tão certo o que digo, que criticos houve que, influenciados pela sua maneira de exteriorisar a personagem, disseram ser a *Mã Sina* peça enfileirada no teatro catalão. O seu Manuel é um trabalho axadrezado de bocadinhos do *João José* e do heroe da *Tierra Baja* com palavras do sr. Mantua. A critica saiu com a impressão de que a peça defendia o fatalismo. Em parte tem razão. O artista de nome disse-lhe nas inflexões, que realmente acreditava na sua «*Mã Sina*». Tudo porque o sr. Brazão não atentou em que as palavras a dizer em resposta ás constantes insidias do pae: «Traz desgraça consigo.» «...tem má sina.» são a reflectida contraposição a essa superstição permanente. E nem podia deixar de ser, porque a idiosincrasia do Manuel o está dizendo: vivendo a trouxe-mouxe, desconfiado de tudo e de todos, não acreditando em Deus por ter observado a natureza, em suma, com todas estas determinantes é um incredulo, um confiado no seu esforço, um homem natural, sem preconceitos. O artista que devidamente o exteriorisasse, falô-ia, humano, sem rompanes, recordando a scena culminante da sua vida, sem um bérro, trabalho todo raciocinio, raciocinio que obrigasse a plateia a interessar-se pelo alto fim moralizador da peça. Fez o sr. Brazão, o Manuel assim? Não o fez. Agarrou nelle e tratou-o como se fóra a unica personagem da *Mã Sina*. Procurou esquecer todas as outras, mas a peça é humana, vive do conjunto, o que deu em resultado ficar o seu trabalho sem intuitos e sem ensinamentos. Se o sr. Araujo Pereira, o ensaiador, o tem colocado a dizer o monologo do 1.º acto, no meio da scena, teriamos um evangelista a gritar coisas simples. Pena é que tenha de dizer estas coisas do sr. Brazão. Sinto-o. Mas não posso de forma alguma emparceirar com as opiniões acima citadas. O sr. Brazão não deve senão e interpretar peças a seu academico feito. O teatro moderno exige outros recursos, mais honestos.

A sr.^a Palmira Torres, foi tambem muito infeliz. Nem parecia a Maria, do *Delirio de*

Figuras do Palco



André Brun

Auctor da *Revista de Cupido*

cionismo do sr. A. P. Não, sr. A. P., o senhor o que é, é reaccionario. E tem muita honra nisso.

Outro critico houve, o sr. Manuel de Sousa Pinto, da *Lucta*, que não foi muito feliz desta vez. Confesso que me admirei. A sua critica é cheia de contradicções, como o leitor poderá ver, confrontando as chamadas vindas no ultimo numero, com este pedaço:—«...fica o trabalho reduzido a uma situação unica, que deveria ser, mais concentrada e empolgante, o terceiro acto duma peça a valer, cujo primeiro fosse a morte do manager e o segundo o suicidio de Maria.» Sim senhor, está muito bem. Bellos finaes d'acto, se a *Mã Sina* fosse escrita pelo critico alvitreiro. Com essas duas mortes, talvez a peça agradasse mais. Talvez? Era certo. O publico choraria arquejante, e o auctor ficaria com as responsabilidades de duas mortes, premeditadas. A ideia do critico, illustre em outros trabalhos, denuncia-o como um autoritario em arte. Isso é mau, muito mau, tanto mais que tem leitores a sua secção. Abusou da sua missão para impôr a um novo, inexperienced em *gajices* de dramaturgo, as mais descaradas *ficelles*. Mais honestos foram colegas seus ao afirmarem: «Escrita com um evidente cunho de sinceridade. (1) «mandando p'ró diabo praxes e moldes sabe a epoca em que vive.» (2) «...a honesta sinceridade, o esforço pertinaz e constante que se sente ter o auctor empregado para conseguir transmitir-nos uma impressão nitida e flagrante.» (3) «...um trabalho honesto...» (4) E, logo no começo, o sr. Sou-

Ciúme. Aconselho a esta inteligente artista o seguinte: E' bom ler-se muito e muito sobre teatro. Se todas as suas collegas a imitassem, a arte da interpretação teria dado volta, mas o que urge é educar o espirito crítico para só dos livros aproveitarmos o que fica bem ao nosso temperamento artístico. Caso contrario, fisionomia, movimentos, attitudes, como as que tem na *Mã Sina*, notam-se por descabidas. Além disso, a sua voz outr'ora tão doce, como a entrar-nos pelo peito, a traçou-a, tornando-se gutural, ferindo quasi sempre as mesmas inflexões, provocando monotonias. Apello para a creadora do *Quinto Mondamento*, esperando que evite o que está em sua mão fazer lo.

O sr. Ignacio, agradeceu-me porque foi intelligente na exteriorisação do seu «Tonio». E' um característico de valor. Pena é que bailasse um pouco o andar, o que obrigou O *Pai* a dizer que o seu gesto foi «menineiro». O mais tudo certo: pezo, conta e medida.

O sr. Araujo Pereira, segundo *O Liberal*, «é um actor moderno entre os primeiros, senão o primeiro.» e pelas lentes criticas d'*O Pai* «é detestavel.» Arranjar meio termo, é difficil. O que é um facto, é que basta a scena do 1.º acto, em que Manoel conta a morte do manageiro, para dizer que o sr. Araujo Pereira, é um dos raros artistas que sabe ouvir. Ainda posso notar a scena do 2.º acto, com Brazão, em que este se viu obrigado a ser natural, contagiado pelo artista moderno, mas consciente.

O sr. Joaquim Costa, errou o Thomé. Este é um ribatejano e não um alemtejo. Além disso, como quizesse mudar de voz, esqueceu-se de que tinha de falar para 800 pessoas, pelo menos. E' difficil conseguilo, mas com estu lo vae.

A encenação é um dos mais completos trabalhos que tenho visto em teatro. Na lhe falta: cor, movimento e esthetica rude, como a braveza do assunto. Araujo Pereira, já de ha muito imposto por outras encenações, provou as suas qualidades exceptionaes para o genero de teatro que demanda de conhecimentos profundos sobre etnografia, psicologia e sciencias similares.

A scenografia, copiada do natural por olhos mestres em perspectiva scenica, é do sr. Luis Salvador. Revela inteligencia adaptavel ás maiores exigencias de arte tão complexa.

Até que enfim! Respire o leitor! Vou terminar! Antes enviarei felicitações á nova empresa do D. Maria, pela sua direcção em peças como a *Mã Sina*. Além de incitar artistas novos, presta á literatura dramatica nacional, serviços inapagaveis.

Quanto á extensão destes artigos, que o leitor me desculpe e a critica tambem. O meu ardente desejo é que della não digam o que Sacha Guitry, o autor de *Petite Hollande* disse dos criticos francezes:

«Toute une cathedre d'ecrivains est traité á Paris, avec une indifference que confine au mepris. Ces ecrivains sont les critiques dramatiques».

MARIO LAGE.

1. *Mundo*. 2. *O Liberal*. 3. *A Republica*. 4. *Diario Illustrado*. 5. *Diario de Noticias*. 6. *Epoca*. 7. *Diario Popular*. 8. *Noticias de Lisboa*. 9. *Novidades*. 10. *Dia*. 11. *Correio da Noite*. 12. *Brazil e Portugal*. 13. *A Lucta*.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: — Alfredo E. M. S. N.

Se a bôa sorte se medisse pêlo comprimento do nome, o Snr. Alfredo, com um *petit nom* e quatro apelidos, devia ser um Etna a abarrotar de lava da Fortuna. Não quero dizêr-lhe com isto que o Snr. atráe

a felicidade na rasão inversa do quadrado da extensão do seu nome, não; quero dizêr-lhe apenas que, com o bôo planêta que o espreitou lá das alturas da sua orbita quando o Alfredo soltou o primeiro vagido, necessita, para que êle exerça a sua benéfica influencia sobre o meu amigo, que o querido consulente abandone a tristêsa que lhe mortifica a alma e nasça para a vida social com a vontade firme de ser *alguem*. Que diacho! O Jupiter é bom rapaz, mas não lhe pèga na mão se o Snr. não lhe estendêr o braço. Teem feitos, estes planêtas!

Consulente: — Alice C. N. A.

V. Ex.^a deve ser muito leal e incapaz de faltar ao que promete.

A sua alegria exuberante e quiçá exagerada, a agitação constante em que se encontra, não-de prejudicar a um tanto na vida social. Cautêla! Tudo se quer em conta! As Snr.^{as} casadas, especialmente, devem libar os prazêres, por mais honestos e simples que sejam, sempre por copos graduados.

A conjugação do seu planêta com o seu signo, diz-me que é um tudo nada vaidosa! Por Deus! Aos 28 annos, a vaidade é quasi uma virtude, mas modere-a, paute-a, limite-a e, sobretudo, eduque-a. Uma pontinha de vaidade, bem educada, é uma arma magnifica para uma Snr.^a honesta, amavel e leal, como V. Ex.^a.

Deve conservar a elegancia na marcha, mas evitar, quanto possivel, o andar saltitante; os estremecimentos que tal maneira de caminhar transmitem ao organismo, reflêtem-se no moral, dando á pessoa que assim anda o desejo de ser lisonjeada.

E' necessario tambem perdêr o habito de caminhar com a mão semi-aberta; esse costume torna as pessoas timidas.

Sei que ri muito! Peço-lhe que perca tão desgraçado habito. Rogo-lhe que faça o possivel para transformar, *sempre*, as gargalhadas em sorrisos. E' um amigo que lhe dá este consêlho, um amigo desconhecido, mas, em tôdo o caso, um amigo certo e verdadeiro. Um sorriso dá firmeza á alma, uma gargalhada deprime o caracter.

A consulente é duma susceptibilidade exagerada e zanga-se a pretexto dum *nada*, defeitos de que deve emendar-se.

Fuja do fôgo e da agua quente. Não cômam morangos sem os lavar em três aguas.

Não engula os caroços das cerejas por causa da apendicite.

G. C.

Veja-se nas capas a senha de consulta e demais requisitos.

CURIOSIDADES

Flores que servem de emblema — A flor de liz é o emblema da França. A rosa o da Inglaterra. O cardo o da Escocia. O trevo o da Irlanda. A flor do lotus o do Egypto. O malmequer o da Alemanha. O lyrio o da Italia. O bordo o do Canadá.

Baga de sabugueiro no vinho — Reconhece-se a existencia d'este corante diluindo o vinho com 2 a 3 vezes o seu volume de agua até adquirir o tom vermelho claro; junta-se algumas gottas de alumen e depois um pouco de molybdato de ammonio que o côra de violeta no caso da existencia de sabugueiro.

A baga de sabugueiro actua como purgante no nosso organismo.

Cumulos

Da habilidade — Tocar rebecca com o arco-iris.

Do asseio — Tomar um banho-Maria.

Castrar um numero inteiro.

Depôr o rei de copas.

Demandar a barra d'uma saia.

Semana Alegre

N'um teatro:

— Quem é aquelle cavalheiro que está na frisa?

— E' um homem que tem contribuido para enchugar muitas lagrimas.

— Ah, sim! Um benemerito.

— Não. E' um fabricante de lencos.

N'uma loja de chá:

— Dê-me uma onça de chá.

— Preto ou verde?

— D'um qualquer. E' para uma senhora cega.

VARIÉDADES

Creme de laranja — Um arratel d'assucar em um tacho: 16 gemas com 8 claras d'ovo, batidas á parte; sumo de 4 laranjas: junte-se assucar e ponha-se ao lume mechendo sempre até ferver.

Tire-se do lume e juntem-se as claras, mechendo sempre e leve-se de novo ao calor.

POSTA RESTANTE

J. R. P. — Com muito gosto os publicariamos se estivessem certos. Quasi todos são errados, exemplo: *Moreninha*: Fugiu-te do rosto — 5 syllabas — e o o teu olhar agora — 6 — lembra um sol posto — 4.

Outro exemplo: *Soneto* — *Pois era assim* — 1.º verso — 9 syllabas, accentuadas na 5.ª — 2.º verso — idem, accentuadas na 6.ª e bem — 3.º verso; certo — 4.º verso — 8 syllabas, accentuadas na 4.ª. etc.

José S. N. e Marianna A. T. da S. C. — Recebemos. Estão em Paris. Ha muitos consulentes antes de V.^{as} Ex.^{as}. Façam o obsequio de esperar... Roma e Pavia não se fizeram... em dois mezes.



O GRANDE CONCURSO

DA 3.ª SERIE

Cinco premios

- 1.º — Um relógio d'ouro (Zenith).
- 2.º — Uma palmatoria de prata.
- 3.º — Uma biscoiteira.
- 4.º — Uma collecção do «Azulejos» encadernada em percallina.
- 5.º — Uma assignatura gratis para a 4.ª serie.

Condições do Concurso

- 1.ª — Decifrar, durante os 15 numeros da 3.ª Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.
- 2.ª Para que os nossos leitores possam concorrer em grande maioria resolvemos modificar a 2.ª condicção do concurso, aumentando-lhe o praso, assim:

Poderão enviar-nos as decifrações durante um intervalo de 15 dias, a contar da data da sua publicação.

A lista dos decifradores e as soluções dos artigos publicados são dadas de 4 em 4 numeros.

As decifrações devem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

Na 6.ª feira de tarde, trouxe-nos o correio uma pagina de charadas multada em 40 réis, que não aceitamos.

Aqui fica o aviso aos srs. decifradores que nos enviaram decifrações n'esse dia.

No proximo numero publicaremos a lista dos decifradores dos n.º 33 e 34.

Charadas

Se antepuzer consoante
A um certo numeral,
Verá logo n'esse instante
O nome d'um animal.

BAILHO

Novissimas

Um certo numero de vestuários fizeram
uma planta-2-3.

RAMITO

Em Vizeu esta teia é animal-1-2.

PUMPUM

O tempero presenteia na banha o apellido-1-1-1.

PINGOLINHAS

O amor inverte a corrente de devotos-2-2.

R. D.

A ave é constellação 2.

SOMBRIO

Augmentativa

A raiz foi devorada pelo peixe-3.

TIMIDO

Biforme

Tem lingueta o verme-3.

TEACHER

Bisada

Canudo-3

— chei —

Não mesclado-2

CAROCHA

Syncopada

A trombeta foi achada na cidade da Russia-3-2.

DIVINO

Enygmas

Typographic

B

DEL

STOCK

Por iniciais

A V N R Q M N C
2 3 1 2 1 3 1 3

AÇNAREPSE

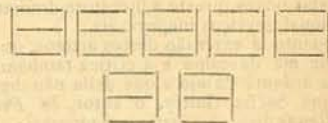
B D S C V C V
1 1 3 3 1 3 1

OJUARA

O Q B P O B
3 1 2 2 1 3

UM GARIBALDINO

De palitos



Tirando 13 palitos vereis uma mulher.

LITRAS



Tirando 18 palitos fica um vicio.

R. PASSOS

Artigos a decifrar, 16.

Grande Alfayataria
TESOURAS DE OURO

ALFREDO V. ROSA

Rua da Palma, 140, 142 e 144

Completo sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras.

Fatos elegantes e de boas fazen-
das desde 68000 reis.

MESTRES DE CÔRTE DE 1.ª ORDEM

A melhor alfayataria de Lisboa

Dá senhas do Bonus Universal

A. P. FERRAZ

Chapeus para senhora e creanças

RUA DO OURO, 231

(Primeiro quarteirão vindo do Kocio)

Aluga-se

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.ª e 2.ª Serie do AZULEJOS, em panno chagrin, cabeçalho e letras douradas, ou qualquer côr á escolha do interessado, pela modica quantia de

500 RÉIS

A mesma encadernação em percalina

700 Réis

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

Para as provincias augmenta o porte de 200 réis.

AO EX.^{mo} SR. ALFREDO GONÇALVES DOS SANTOS
DIG.^{mo} DIRECTOR DO COLLEGIO NACIONAL

JULITO

PASSO DOBRADO

Alfredo Mantua

PIANO

The first system of musical notation for 'Julito' consists of two staves. The treble staff begins with a treble clef, a key signature of two sharps (F# and C#), and a 2/4 time signature. It contains a series of chords and melodic lines, with dynamic markings of *mf* and *ff*. The bass staff starts with a bass clef and contains a steady accompaniment of chords and eighth notes.

The second system continues the piece with two staves. The treble staff features a series of chords and melodic fragments, while the bass staff maintains a consistent accompaniment pattern.

The third system shows further development of the musical themes in two staves, with the treble staff containing more complex melodic lines and the bass staff providing harmonic support.

The fourth system continues the composition with two staves, showing a mix of chordal textures and melodic movement.

The fifth system of notation features two staves, with the treble staff showing a melodic line and the bass staff providing a rhythmic accompaniment.

The sixth system includes the word *Fim* (End) above the treble staff. It concludes the piece with two staves of notation.

The seventh system continues the piece with two staves, featuring a variety of musical textures.

The eighth system shows two staves of notation, with the treble staff containing more active melodic lines.

The ninth and final system of notation on the page consists of two staves. It includes the signature 'D. Carlos' at the bottom right. The notation features complex rhythmic patterns and dynamic markings like *mf* and *ff*.